

A DIFÍCIL ARTE DE SER PROFESSOR:
UM ENSAIO SOBRE A VERDADE DO SENSO COMUM
Dênio Mágnio da Cunha¹

“Ser professor no Brasil não é fácil!”. Ouço esta expressão há muitos anos, como aluno e como professor. E de tanto ouvi-la, acabei repetindo igualmente. No entanto, chegou um momento em que cansei de repetir a frase, passando a me perguntar: será mesmo verdade que ser professor no Brasil não é fácil?

Posta a dúvida, só me restava encontrar um meio de comprovar se era mesmo correta a afirmação, mesmo sabendo ser complexa a questão. A dificuldade me pareceu comprovar cientificamente algo que é um julgamento: difícil ou fácil é questão de opinião, poderia dizer o escritor Guimarães Rosa, assim como ser perto ou longe um lugar, depende da referência de partida se utiliza.

Pareceu-me então ser lógico realizar a pesquisa pelo significado das palavras e utilizar fontes reconhecidas como do senso comum, já que a frase é desta categoria.

O ponto de partida, a mais clássica fonte do senso comum: o dicionário. Escolhi entre os vários disponíveis aquele mais consultado, o Dicionário Houaiss, disponível no espaço de pesquisa mais utilizado pelos seres humanos comuns, a internet. Foram pesquisadas três palavras contidas na expressão: Professor, Brasil e Difícil (palavra que substitui e expressa igualmente “não é fácil”).

1. Professor.

Vejamos a definição do Houaiss para o que conhecemos ser o professor(a):

substantivo masculino.

1 aquele que professa uma crença, uma religião.

2 aquele cuja profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidade; docente, mestre *⟨p. de matemática⟩*

2.1 aquele que dá aulas sobre algum assunto *⟨p. de dança⟩ ⟨p. de violão⟩*

2.2 p.ext. aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa *⟨peça-lhe para ensinar seu filho a andar de bicicleta, que ele é bom p.⟩*

3 aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (como o normal, alguns cursos universitários, o curso de licenciatura etc.)

4 fig. indivíduo muito versado ou perito (em alguma coisa)

adjetivo

¹ Mestre em educação pela Uniso - Sorocaba. Professor no Ensino Superior – Centro Universitário Una. Professor e Consultor na área da educação em Carta Consulta – Belo Horizonte.

5 que professa; profitente

6 que exerce a função de ensinar ou tem diploma ou título de professor.

De modo geral, professor é aquele que tem algo a ensinar e o transmite a outra pessoa. Portanto, uma primeira conclusão que me parece óbvia, o professor precisa de um receptor do seu conhecimento (um aluno, um aprendiz). Outra conclusão poderia ser que o professor, na sua ação básica, não precisaria de mais nada a não ser o estabelecimento da comunicação com este seu aluno. Isto é, Jesus em suas pregações, Sócrates em seus diálogos, o mestre tanoeiro e seu aprendiz, o homem primitivo ensinando seus parceiros fazerem a roda ou acenderem a fogueira, seriam o modelo básico de professor.

Um pai, ensinando seu filho andar ou comer seria um professor? Não, seria simplesmente um pai ensinando seu filho a andar ou comer. Na atividade de ser professor, no sentido implícito da palavra, está pressuposta uma relação não natural, isto é, a relação professor-aluno não é regida pela lei da natureza, pois fruto de um movimento de escolha, intencional, resultado do reconhecimento do papel assumido por alguém em relação a outro alguém. O aluno reconhece alguém como seu professor e, por outro lado, o professor reconhece alguém como seu aluno. É deste reconhecimento que nasce a relação ensino-aprendizagem, professor-aluno.

2. Brasil.

A segunda definição diz respeito ao lugar: o Brasil. Nesse caso, o Houaiss deixa de ser referência. Lá, no dicionário, Brasil se refere à cor e à árvore e não ao lugar. Recorri então a outra fonte do senso comum: a Wikipedia.

Brasil (pronuncia-se localmente AFI: [bra'ziw] oficialmente República Federativa do Brasil é o maior país da América do Sul e da região da América Latina, sendo o quinto maior do mundo em área territorial (equivalente a 47% do território sul-americano) e população (com mais de 200 milhões de habitantes). É o único país na América onde se fala majoritariamente a língua portuguesa e o maior país lusófono do planeta, além de ser uma das nações mais multiculturais e etnicamente diversas, em decorrência da forte imigração oriunda de variados locais do mundo. (WIKIPEDIA, 2017)

Como é possível ler na definição, estamos falando de algo bem grande, adjetivado como o “maior país”, “quinto maior do mundo”, “mais de 200 milhões de habitantes”, “maior país lusófono do planeta”, “uma das nações mais multiculturais e etnicamente diversas”, resultado de uma “forte imigração oriunda de variados locais do mundo”. Em si, ser um professor nessas condições, já seria um desafio, principalmente se considerarmos a multiplicidade de culturas e etnias impactando nas formas de comunicação. No extremo da interpretação, professores do norte se comunicariam com seus alunos de forma diferente que professores do

sul, imagina-se. Obviamente, deveriam ter formações diferentes, ressalvadas a uniformidade desejada nos resultados da aprendizagem.

3. Difícil (não é fácil)

Retornando ao dicionário Houaiss busquei o significado da expressão “não é fácil”, trocada aqui pela palavra “difícil”, pois sabemos que o que não é fácil, é difícil. Vejamos o significado:

- adjetivo de dois gêneros
- 1 que não é fácil; que exige esforço para ser feito; trabalhoso, laborioso, árduo <negócio, missão, tarefa d.>
- 2 que demanda esforço intelectual para ser compreendido ou entendido; intrincado, complicado, obscuro <problema d., texto d.>
- 3 que oferece obstáculo, risco ou perigo; impraticável, inacessível <acesso d., caminho d.>
- 4 que atormenta; penoso, triste <ele se encontra em situação d.>
- 5 que constrange; embaraçoso, delicado <a posição dele, no caso, é muito d.>
- 6 pouco afeito à aproximação, ao entendimento; de convívio pouco agradável <temperamento d.>
- 7 que não é fácil de contentar; exigente <gosto d.>
- 8 que não se deixa seduzir facilmente <mulher d., homem d.>
- 9 que não é próspero; duro de viver; infeliz, crítico, infausto, mal azado <dias d.>
- 10 pouco provável; pouco possível <acho d. que ela venha hoje>
- substantivo masculino
- 11 aquilo que apresenta dificuldade(s) <o d. era estabelecer a paz entre ambos>
- advérbio
- 12 de modo complicado, requintado; de maneira nada fácil de entender <escrever, falar d.>

Confesso a você, leitor, que após este exercício inicial, eu já estava convencido da veracidade da expressão. Supus ter argumentos suficientes para rechaçar qualquer afirmativa em contrário só pela definição de “difícil”, combinada com o local multicultural.

Se desejar, pare um pouco a leitura e reflita um pouco. Faça esse exercício, releia as definições e veja se já não tem um sentimento que faz parecer real a expressão. Se o leitor, conhece ou vive entre professores e alunos, no ambiente escolar, sentirá o mesmo que senti. No entanto, meu propósito era provar, demonstrar com fatos a veracidade da expressão.

Decidi fazê-lo da seguinte forma: a cada uma dos significados da palavra “difícil”, dada por Houaiss, acrescentaria uma prova, uma demonstração da sua veracidade. Atribuiria a cada prova a pontuação 1 (um), de modo que ao final, teríamos se a expressão é 100% correta ou 22,3% correta, por exemplo.

Pensei também em acrescentar, se necessário, outra forma de comprovação, muito utilizada no cotidiano: a confrontação com o oposto. Assim, cada “prova” seria submetida a uma pergunta-confronto. Por exemplo, se a prova fosse: “Ser professor é difícil porque é uma

profissão pesada, pois o professor tem de carregar um caminhão de pedra todos os dias”. Isso é verdade ou não? Claro que não. Dessa forma a prova estaria refutada.

Veremos se haverá resultados suficientes para confirmar ou negar a expressão. Para facilitar, no final um quadro com o score.

Ainda no sentido de ser claro e compreensível a todos e, por compreender que o senso comum se forma a partir de fontes de livre acesso, os fatos comprovatórios das definições do dicionário aplicadas ao professor, foram coletados na internet, em fontes consultáveis, reconhecidas e com conteúdo que comprovasse a afirmativa.

4. As provas.

Esclarecendo esta etapa que ora se inicia: a partir das 12 expressões utilizadas pelo dicionário Houaiss para definir o que é “difícil”, acrescentarei uma “prova” comprovatória de sua relação com a atividade do professor. A cada “prova” comprovada acrescento um ponto.

Difícil é...

1. que não é fácil; que exige esforço para ser feito; trabalhoso, laborioso, árduo.

3 que oferece obstáculo, risco ou perigo; impraticável, inacessível.

Para demonstrar estas situações, trago o depoimento do professor Virgílio Viana (Ph.D., por Harvard) a respeito da situação da educação nas comunidades ribeirinhas da Amazônia:

A educação nas comunidades ribeirinhas da Amazônia precisa ser profundamente repensada. O modelo de educação utilizado nas áreas urbanas apresenta problemas graves e, quando transportado para o mundo ribeirinho, a situação adquire contornos trágicos.

Vou focar aqui apenas no problema da falta de professores na sala de aula. A exigência de professores com formação universitária completa, apesar de um óbvio aspecto positivo, trouxe um problema. A maioria deles passou a ser de origem urbana. A dificuldade é que uma grande proporção desses docentes não se adapta ao mundo ribeirinho, cheio de piuns e carapanãs. Normalmente o professor não tem um quarto para morar e vive sem sanitário, chuveiro, energia elétrica, água potável e outras condições básicas de moradia. Na maior parte das vezes, ele se vê obrigado a morar de forma improvisada, na própria escola ou na casa de moradores locais. (Grifo nosso). (VIANA, 2017).

Nesse mesmo cenário, mas com possibilidade de extrapolação graça aos dados que fornece, matéria da revista Nova Escola descreve o quadro das escolas rurais no Brasil, em 2012.

As crianças (da foto acima) têm entre 5 e 7 anos de idade. Diariamente, elas acordam antes das 6 horas, pegam um barco na comunidade ribeirinha de São Joaquim e seguem até Santana, também em Mocajuba, a 250 quilômetros de Belém. Com o fechamento da EM Maria Raimunda Leão, o percurso para chegar à escola passou a ser quatro vezes maior para algumas delas. Deslocamentos como os que enfrentam são cada vez mais comuns no Brasil, já que 40.935 estabelecimentos de

ensino da zona rural deixaram de funcionar entre 2000 e 2011, uma diminuição de 35% segundo o Censo Escolar (NOVAESCOLA, 2012)

Finalmente, um dado vindo de uma das mais importantes cidades do país, dando conta dos problemas urbanos de uma sociedade desigual.

Crianças e jovens de escolas e creches da rede municipal de três diferentes áreas do Rio estão sem aulas nesta quinta-feira (25/05/2017) por causa de tiroteios. São 3.932 crianças de unidades escolares afetadas ficam nas comunidades do Jacaré, Acari e Serrinha, todas na Zona Norte.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, 844 alunos da região do Jacaré, 2.059 na Serrinha e 1.029, em Acari.

Até agora, dos 72 dias letivos, em 7 a rede funcionou 100%. Nos demais 65 dias, pelo menos uma escola do Rio de Janeiro foi fechada por conta da violência. (G1, 2017)

As três reportagens jornalísticas mostram situações que atendem às definições do que é ser difícil, dadas por Houaiss. A sua contundência e conhecimento amplo e geral, dispensa de certa forma, qualquer complemento: abordam situações em que o professor está diretamente envolvido. Um ponto para cada um dos itens no quadro.

2 que demanda esforço intelectual para ser compreendido ou entendido; intrincado, complicado, obscuro.

Aqui é possível duas interpretações básicas. Na primeira, a ação de ensinar é algo complexo, complicado e obscuro que demanda do professor um esforço intelectual em sua compreensão e no uso das tecnologias empregadas. No segundo, a própria comunicação seriam um obstáculo, dada as diversidades culturais e étnicas, já mencionadas.

Para demonstrar a primeira dificuldade, trago à reflexão citação do trabalho de KFOURI (2008), ao apresentar projeto de pesquisa e descrever a complexidade da educação usando as novas tecnologias da comunicação pedagógica.

A Comunicação Pedagógica corresponde assim a usos particulares de linguagens, sistemas de comunicação, apresentando-se como um sistema heterogêneo, mesclando formas e expressões diferenciadas como exposição oral, emprego de ferramentas como mídias diversas,, análise de documentos enfim tudo potencializado pelo uso de Tecnologias, criando uma comunicação áudio-escrito-visual onde o profissional docente lançará mão com freqüência, de documentos sonoros e/ou visuais(esquemas e gráficos, fotos, slides, cinema ou vídeo) ou ainda programas informáticos , em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem (softwares e multimídias).

A tendência, sem possibilidade de não se confirmar, é esta descrita por Kfourri (2008), a cada momento surgirem novas tecnologias, não apenas no stricto sensu, mas nos “usos particulares de linguagens”, gerando a necessidade de ampliarem-se os métodos de comunicação. Se antes, no início do texto, falamos de uma comunicação direta professor-aluno, neste instante

observamos que esta comunicação será, mais e mais, mediada e envolta em um ambiente complexo, atravessada por variáveis do ambiente social, da condição econômica, da cultura individual, do ambiente e da própria mediação midiática. Este aspecto, sem dúvida, exige do professor um esforço intelectual para compreender e fazer-se compreender.

Se considerarmos as características do Brasil, temos um ambiente da sala de aula (presencial ou virtual) altamente exigente, de difícil compreensão e alinhamento aos objetivos da aprendizagem. Sem considerarmos as condições descritas no item anterior e, especificamente no EAD, o atraso na implantação da estrutura de alta velocidade na web no seu capítulo brasileiro. Ponto para a dificuldade de ser professor no Brasil.

4 que atormenta; penoso, triste.

5 que constrange; embaraçoso, delicado.

O leitor haverá de compreender: a situação descrita como exemplo neste item, alcança os itens 4 e 5 das definições do que é difícil feita pelo Houaiss (2017). Acredito que não haverá discordância sobre a questão salarial do professor e as suas consequências sobre sua posição social, sobre a sua evolução na área do conhecimento e em outros (no conforto pessoal, na necessidade de exercer várias atividades para manter um nível de vida razoável).

São duas situações descritas aqui. Peço desculpas pelo tamanho da primeira citação, mas se faz necessária para ressaltar o aspecto da disparidade salarial dos professores no País.

Os professores brasileiros do ensino público fundamental e médio ganham menos da metade da média salarial dos professores de países analisados em um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgado nesta quinta-feira.

O estudo, Um Olhar sobre a Educação 2016, também revela que os salários de professores universitários de instituições federais públicas no Brasil - entre US\$ 40 mil e cerca de US\$ 76 mil por ano (de R\$ 133,7 mil a R\$ 254 mil) - "são bem mais elevados do que em muitos países da OCDE e comparáveis aos dos países nórdicos, como Finlândia, Noruega e Suécia".

Segundo o documento - um compêndio de estatísticas que analisa a situação da educação nos 35 países membros da organização e em 11 economias parceiras, como Brasil, China, Índia e Colômbia -, os professores no Brasil têm o mesmo salário mínimo legal da categoria, US\$ 12,3 mil por ano (cerca de R\$ 41 mil), independentemente de lecionarem no ensino fundamental ou médio.

Eles ganham menos da metade da média nos países da OCDE e abaixo de professores de outros países latino-americanos como Chile, Colômbia e México.

E além disso, são os que trabalham o maior número de semanas por ano entre todos os países do estudo que disponibilizaram dados a respeito.

"Os professores brasileiros, nesses níveis de ensino, lecionam, em média, 42 semanas por ano. A média na OCDE é de 40 semanas no pré-primário e de 37 semanas nos cursos técnicos."

Investimento e diploma

O documento revela também que o Brasil gasta mais com o ensino universitário, por aluno, do que vários países, mas o número de diplomados no país - apenas 14% da

população na faixa etária de 25 a 64 anos -, está abaixo de todos os países da América Latina analisados pelo estudo (Colômbia, Costa Rica, Chile, Argentina e México).

Os gastos públicos para cada estudante do ensino superior no Brasil somam US\$ 13,5 mil por ano (cerca de R\$ 45 mil), calculados com base na paridade do poder de compra (PPC) para efeito de comparação internacional.

Esse valor é bem acima da média de US\$ 3,8 mil por ano (R\$ 12,7 mil) investida por aluno do fundamental e médio no Brasil, segundo o estudo. (FERNANDES, 2016).

Bom que estas informações tenham sido publicadas por um órgão internacional (mesmo que não independente ou desprovido de interesses políticos), pois o Estado brasileiro poderia dizer o contrário e as empresas privadas, igualmente, poderiam contestar a afirmativa.

A situação financeira do professor brasileiro é conhecida no tempo. Não se sabe desde quando existe esta desvalorização nos aspectos já citados. É tal que parece ser cultural, enraizada na composição da sociedade, sem perspectivas de alteração ao longo do tempo. Mas pode ser pior...

Única responsável pelo sustento de sua família, a professora Rosineide Freitas faz um verdadeiro malabarismo para fechar as contas todos os meses. Cheque especial, empréstimos com familiares e parcelamentos de dívidas são algumas táticas para tentar contornar a situação de crise econômica que atravessa o estado do Rio de Janeiro. A realidade da professora Rosineide não é muito diferente da vivida pelos 2.800 docentes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que também estão sem receber salários em dia desde o ano passado. Até hoje parte dos servidores não receberam o salário de março.

"Nosso plano de saúde foi cortado, nossas contas estão com muitos juros e isso vai gerando mais dívida porque o salário atrasado depois não vem com juros", conta a professora, que atua no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. Para ela, o mais difícil é ver a filha adolescente, de 16 anos, que teve sua rotina alterada. "Ela teve sair dos cursos que fazia fora da escola e já não pode mais fazer as mesmas coisas de antes". (RODRIGUES, 2017)

Poder-se-ia dizer que houve um direcionamento dos argumentos aqui apresentados, a favor da dificuldade de ser professor no Brasil. Contraponho: a situação da UERJ e do Estado do Rio não é pontual como querem fazer parecer, é sim, símbolo do descaso (ou indiferença) dos estados, de modo em geral, com a educação. Sendo a educação um dever do estado e direito do cidadão, não seria admissível a situação descrita nesta notícia. Paralelamente seria necessário acrescentar que ainda em maio de 2017, as aulas do período letivo não haviam se iniciado, dada a falta de estrutura da universidade para receber seus alunos (limpeza, segurança, energia elétrica), consequência das dívidas com fornecedores. Basta uma pesquisa, pouco ampliada, para encontrarmos esses descasos (ou indiferenças) soltos pelo país. Ponto para a dificuldade do professor no Brasil, sem mais explicações porque a situação da professora-exemplo demonstra bem esse quadro.

Nestes dois itens 4 e 5, houve necessidade de mais de uma abordagem. Dessa forma repete-se ou melhor, acrescenta-se mais argumentos de natureza diferente.

4 que atormenta; penoso, triste.

5 que constrange; embaraçoso, delicado.

A argumentação retorna para uma situação já tangenciada: o perfil social do aluno que vive em localidades sujeitas ou sujeitadas ao domínio do reino da violência e naquelas carentes de recursos sociais. São inúmeras as consequências trazidas por esta realidade, dentre elas a questão do convívio social que exige do professor uma especialização inexistente. Como lidar com adolescentes inseridos em uma realidade “de guerra”? Como cuidar de alunos vítimas de atrocidades criminais (estupro, violência física, coação moral e ética)? Por outro lado, como lidar com situações de extrema pobreza que levam adolescentes a se prostituírem em busca do sustento familiar? Estes alunos, muitas vezes buscam refúgio na escola e aconselhamento em professores, referências em suas vidas.

Este tema – a escola e o professor em situação de risco – ainda merece tratamento especial, enquanto não se constrói uma condição social de segurança. Aqui vamos lançar o olhar sobre uma destas dimensões, já que mencionamos outras anteriormente. Afirma Rebolho (2017)

A escola, juntamente com os professores tem que orientá-los à negação do trabalho da exploração ilegal do corpo (onde muitas vezes, por falta de dinheiro, acabam abandonando a escola e como não têm qualificação, se prostituem) bem como o comprometimento a vida escolar e a saúde. Desse modo, cabe também à escola o papel de conscientização e prevenção sobre essa problemática, visto que a influência dos educadores perante aos alunos é considerável. Quando se fala de prevenção no âmbito escolar deve-se considerar, valorizar e investir na formação de profissionais qualificados, bem treinados e habilitados para lidar com temas específicos e problemáticos. Deve também buscar envolver o corpo escolar inteiro (não apenas o discente) e colocar a criança e o jovem como participante ativo no processo de elaboração de projetos. Projetos estes que, devem visar à construção de uma identidade pessoal (auto-estima, socialização, disciplina, organização) e participação social (conscientização de papéis sociais e cidadania responsável), utilizando linguagem acessível próxima da realidade vivida por essa clientela.

Quando lemos “a escola, juntamente com os professores” fica subtendido o papel na “linha de frente” no embate diário com a questão. E como diz a autora (REBOLHO, 2017) há uma necessidade de preparação do professor para atuar nesta situação. Mas como? Se quando analisamos a situação que envolve a vida do próprio professor, ela também é repleta de problemas e dificuldades de outras ordens? Ponto para a dificuldade de ser professor numa realidade de fraqueza social.

6 pouco afeito à aproximação, ao entendimento; de convívio pouco agradável.

7 que não é fácil de contentar; exigente.

8 que não se deixa seduzir facilmente.

Se até o momento temos falado de situações difíceis pelo lado “dramático” da vida – na falta de uma expressão melhor -, não podemos nos esquecer de outro lado. Sendo o Brasil um país de contrastes, a mistura da riqueza da Bélgica com a pobreza da Índia (Belíndia), é correto falarmos na dificuldade que é ser professor também entre uma juventude socialmente elitizada, economicamente favorecida e culturalmente ligada a valores globais. Este é o cenário em que o professor tem de lidar nas escolas particulares que atendem a uma casta superior no Brasil. Leiam a argumentação de mais uma dificuldade na vida dos professores:

Televisão ligada enquanto se estuda para uma prova e fones nos ouvidos ao redigir um trabalho escolar são cenas bem comuns na atualidade entre os jovens nascidos em meados das décadas de 1980 e 1990.

Alguns especialistas os chamam de Geração Z, uma geração que nasceu sob o advento da internet e do boom tecnológico e para eles estas maravilhas da pós-modernidade não são nada estranháveis. Videogames super modernos, computadores cada vez mais velozes e avanços tecnológicos inimagináveis há 25 anos: esta é a rotina dos jovens da Geração Z.

[..]Se a vida no virtual é fácil e bem desenvolvida, muitas vezes a vida no real é prejudicada pelo não desenvolvimento de habilidades em relacionamentos interpessoais. Vive-se virtualmente aquilo que a realidade não permite. Talvez daí venha o fascínio dos jovens por jogos fantasiosos onde estes podem ser o que quiserem, sem censura ou reprimenda.

Suas características

Aliás, obsolescência é algo bastante comum nos membros desta geração. A rapidez com que os avanços tecnológicos se apresentam atualmente acabaram por condicionar os jovens a deixar de dar valor às coisas rapidamente. Isso começa bem cedo, quando crianças esperam o ano todo para ganhar um brinquedo e depois de dois dias ele já está largado em um canto.

Outra característica marcante da Geração Z são problemas de interação social. Muitos deles sofrem com a falta de expressividade na comunicação verbal, o que acaba por causar diversos problemas principalmente com a Geração Y, anterior a sua. Essa Geração também é marcada pela ausência da capacidade de ser ouvinte.

A Geração Y, por exemplo, acreditava piamente em carreira e estudos formais e muitos se dedicaram fortemente para isso.

A Geração Z é um tanto quanto desconfiada quando o assunto é carreira de sucesso e estudos formais, pois para eles isso é um tanto quanto vago e distante. Segundo especialistas, poderá haver uma “escassez” de médicos e cientistas no mundo pós-2020.

Enfim, essa geração – chamada também de Geração Silenciosa, talvez pelo fato de estarem sempre de fones de ouvido (seja em ônibus, universidades, em casa...), escutarem pouco e falarem menos ainda – pode ser definida como aquela que tende ao egocentrismo, preocupando-se somente consigo mesmo na maioria das vezes.

Este o desafio de ser professor para além da natural diferença de geração; para além das questões de risco social; em um ambiente sem problemas maiores na estrutura; numa relação completamente diferente daquela abordada até o momento. A questão aqui é: como lidar com a mudança cultural, com o acesso livre à informação, com a exigência de um professor engajado na tecnologia, com a linguagem e valores diferenciados e, comumente, com o

“desprezo” pelo conhecimento do professor (“tudo está disponível na rede e eu posso estudar depois”)? Como transpor o desafio da inovação tecnológica na relação professor-aluno? Como seduzir este aluno, voltado para si mesmo? Vaidoso de suas habilidades em encontrar soluções, criativo e, em certo aspecto, concentrado em outro mundo que não este da escola, antiga para os padrões da sociedade atual? São tantos os questionamentos neste estamento social que possui acesso à informação, tão diferentes seus valores...

Mais um aspecto que dificulta o trabalho do professor, mesmo sendo neste caso algo inerente à profissão, agravado que é pela diferença de valores e visão de mundo. E, finalmente, por mais curioso que possa parecer, um ambiente em que quanto mais estrutura e tecnologia envolvida, mais difícil se torna para o professor. Ponto para dificuldade de ser professor, no mundo todo e no Brasil.

**9 que não é próspero; duro de viver; infeliz, crítico, infausto, mal azado.
10 pouco provável; pouco possível.**

Aqui findamos nossas argumentações adjetivas, podemos dizer assim, para logo em seguida falarmos das substantivas. Nesta última argumentação poderíamos falar da história da educação; da trajetória histórica da condição do professor na sociedade; ou, das dificuldades existentes no exercício da profissão, no passado, no presente e no futuro. A pergunta que me vêm é: na história do Brasil houve um momento em que ser professor foi fácil? Talvez existisse em alguns aspectos, mas não em todos.

No caso dos professores, no período jesuítico, dado ao domínio da igreja sobre os destinos da sociedade, tenha tido o professor uma proeminência social; assim como no tempo do Império, pelos relatos literários. Pós proclamação da república, talvez nas três primeiras décadas, essa projeção social tenha existido. No entanto, com o advento da industrialização, do domínio da economia sobre as demais áreas da sociedade, ser professor tenha se transformado. Passa-se a ser mais uma profissão dentro de uma cadeia produtiva enorme, na qual os elementos de resultado imediato tenham maior relevância. Não talvez quando se fale em educação, mas ao se tratar do professor, este tenha sido segregado ao papel de peça, junto com outras, dentro de uma engrenagem maior chamada sociedade do consumo. Neste aspecto, a carreira de professor já não é tão próspera e é pouco provável que isto venha acontecer no futuro.

É necessário também executar uma separação entre “a função” e “a situação” do professor no mundo atual e futuro. Quanto à primeira, não se nega o seu papel como referência e formador do indivíduo; já à segunda, o quadro é inverso a esta relevância.

Em 2014, a revista de notícias Deutsche Welle (DW) publicou uma reportagem descrevendo o quadro da situação do professor e de sua carreira no Brasil. Terminamos esta primeira parte, transcrevendo trechos desta matéria jornalística pela sua qualidade panorâmica. Transcrevemos a partir do título

A dura realidade de ser professor no Brasil

Faltam docentes em várias disciplinas e jovens não têm interesse em seguir a profissão, que paga baixos salários e é uma das menos valorizadas pela sociedade. [...] Fundamental para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres e bem preparados para o mercado de trabalho, a carreira de professor é uma das menos procuradas pelos jovens brasileiros. Salários baixos, ausência de planos de carreira, instabilidade no emprego devido ao alto percentual de contratações temporárias e também a falta de respeito em sala de aula são alguns dos motivos para a profissão ser uma das menos valorizadas no país.

As estatísticas do último vestibular comprovavam essa falta de interesse – os cursos que possibilitam uma carreira na docência do ensino básico estão entre os menos concorridos.

Enquanto os cursos mais procurados no vestibular da Fuvest, que seleciona alunos para a USP, têm mais de 50 candidatos por vaga, a concorrência nas licenciaturas e na pedagogia não chega a 10. Na Unicamp, a situação não é muito diferente: apenas a licenciatura em letras ultrapassa os 10 candidatos por vaga.

"A carreira de professor não é atraente e não consegue empolgar a juventude por não oferecer uma perspectiva de futuro que permita ao trabalhador transcorrer o tempo de trabalho com tranquilidade", afirma Roberto Leão, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

O desinteresse acaba se refletindo nas salas de aula. Apesar de o último censo da educação básica de 2012 apontar que o país tem mais de dois milhões de docentes, faltam professores nas disciplinas de matemática, física, química e inglês.

Aos profissionais que optaram pelo magistério resta tentar melhorar suas condições de trabalho com greves e protestos. Ao longo de 2013, muitas dessas ações foram manchete em jornais no país inteiro. No Rio de Janeiro, os professores municipais pararam de trabalhar por 77 dias e chegaram a ocupar a Câmara Municipal, de onde foram retirados à força pela polícia militar.

[...] A péssima situação da carreira de professor no Brasil ficou evidente no ranking de valorização elaborado pela fundação educacional Varkey Gems, em 2013. Com base em quatro indicadores – interesse pela profissão, respeito em sala de aula, remuneração salarial e comparação com outras profissões –, a instituição avaliou a carreira em 21 países. O Brasil ficou em penúltimo lugar. Numa escala que vai de 0 a 100, a avaliação do país ficou bem abaixo da média de 37 pontos, atingindo apenas 2,4 pontos. O país ficou à frente apenas de Israel. A China recebeu 100 pontos, sendo o local onde mais se valoriza a profissão, seguida da Grécia, com 73,7, e da Turquia, com 68.

Mas a grande contradição revelada pelo estudo fica por conta da questão da confiança no professor. Embora a profissão tenha uma péssima reputação, o Brasil é o país que mais confia nos docentes para oferecer uma boa educação.

[...] Para a pesquisadora Gabriela Miranda Moriconi, da Fundação Carlos Chagas, as razões que levam a maioria dos jovens a desistir de seguir uma carreira nessa área são os baixos salários, o desrespeito por parte dos alunos e a falta de valorização da profissão pela sociedade.

O atual piso salarial nacional para professores de nível médio, com uma jornada de trabalho de 40 horas é de 1.697,37 reais. Mas muitos estados não pagam nem mesmo esse valor, que já é bem inferior aos ganhos de outras profissões. Segundo Leão, um profissional de educação ganha, em média, 60% do que outros profissionais empregados no serviço público com a mesma formação.

"Para melhorar a remuneração, a saída encontrada é duplicar ou triplicar, quando possível, a jornada de trabalho como professor ou, em alguns casos, arranjar uma segunda ocupação. Isso prejudica tanto a vida pessoal do profissional como a qualidade do trabalho que ele pode realizar", completa Moriconi. (DW, 2014)

Sendo desta forma, mais um dado a nos mostrar a dificuldade de ser professor no Brasil, considerando a demanda negativa pela carreira, a situação salarial, o posicionamento quanto a valorização da profissão dentre vários países e outras questões não de menor importância.

11 aquilo que apresenta dificuldade(s)

12 de modo complicado, requintado; de maneira nada fácil de entender

Chegamos à parte substantiva da palavra “difícil” que nos dá a oportunidade de acrescentar mais um ponto a nossa argumentação ao dizer que, “(11) difícil é aquilo que apresenta dificuldades”, tal qual descrito em todo o texto.

Ao contrário, nos nega um ponto ao definir que difícil é também algo “(12) de modo complicado, requintado; de maneira nada fácil de entender”, características que a educação não pode ter e um professor, muito menos. Afinal, a comunicação é a principal habilidade do professor e deve ser, na sua totalidade, compreensível. Assim, não deveria ser uma dificuldade e nem atribuída esta definição ao trabalho do professor.

A seguir, a síntese numérica de nossa proposta.

5. Síntese e Conclusão.

Na totalidade chegamos a 11 pontos num total de 12 argumentos, ou 91,6% de verdade na afirmação “ser professor no Brasil não é fácil”, como mostra o quadro a seguir.

Ser professor no Brasil é difícil? (Quadro síntese)

Significado de difícil*	Ponto
1 que não é fácil; que exige esforço para ser feito; trabalhoso, laborioso, árduo <negócio, missão, tarefa d.>	1
2 que demanda esforço intelectual para ser compreendido ou entendido; intrincado, complicado, obscuro	1
3 que oferece obstáculo, risco ou perigo; impraticável, inacessível	1
4 que atormenta; penoso, triste e 5 que constrange; embaraçoso, delicado	2
6 pouco afeito à aproximação, ao entendimento; de convívio pouco agradável 7 que não é fácil de contentar; exigente 8 que não se deixa seduzir facilmente	3
9 que não é próspero; duro de viver; infeliz, crítico, infausto, mal azado 10 pouco provável; pouco possível	2
substantivo masculino 11 aquilo que apresenta dificuldade(s) 12 de modo complicado, requintado; de maneira nada fácil de entender	1
Total (sobre 12 pontos possíveis)	11 (91,6%)

A conclusão, após a trajetória pela expressão repetida tantas vezes, é pela concordância: Ser professor no Brasil não é fácil. No entanto, esta caminhada não deveria simplesmente terminar por aqui por um motivo muito simples: não é uma conclusão de algo que não sabíamos, é a apresentação de argumentos que a fundamentam.

Pode-se dizer que o quadro aqui apresentado carece de um estudo científico, mas como avisado previamente, estamos falando de uma afirmação do senso comum, criada a partir de observações do cotidiano e não o resultado de um estudo científico a demonstrar a sua veracidade. Aliás, seria difícil (aí sim) demonstrar algo que é um julgamento, uma avaliação às vezes individual. Como provar cientificamente essa afirmação se não ouvindo a opinião do próprio professor? Aqui, buscou-se por indícios que comprovassem a existência de dificuldades no exercício da profissão.

Abre-se, no entanto, a possibilidade de superação destas dificuldades eliminando-se os fatores que as causam. Nesta análise, vê-se que ser professor é estar envolvido com a vida da sociedade, com a sua cultura, com as suas características históricas. O que vale dizer que o exercício da profissão de professores em países diferentes têm também características diferentes. Se fôssemos falar de professores ingleses a palavra difícil talvez não se aplicasse, mas quem sabe: “Ser professor na Inglaterra é viver uma vida de limites”. Quem sabe em países do Terceiro Mundo ouvíssemos mais a palavra “difícil”. Em países de regime político fechado e cultura repressora forte, como o Afeganistão, a expressão incluísse a palavra “perigo”. E por este caminho poderíamos seguir.

Como aqui no Brasil a expressão é “difícil”, deve-se considerar a possibilidade de pensar em situações facilitadoras. Por exemplo, ser professor em locais onde não existam situações de risco à vida; ou em que as escolas estejam próximas das residências dos alunos e não exijam deslocamentos; ou ainda escolas bem aparelhadas estruturalmente; ou quem sabe, escolas em cidade onde existam cursos de capacitação didático-pedagógica facilitada.

Neste ensaio, pretendeu-se quantificar e demonstrar a veracidade de uma expressão do senso comum, utilizando fontes que, de certa maneira, ajudam na sua propagação e que, ao mesmo tempo, comprovam sua razão de ser. Portanto, de fato, “Ser professor no Brasil não é fácil”.

6. Referências.

CIRIACO, Douglas. **O que é a Geração Z?** Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>> Acesso em 09 jul. 2017.

DW - Deutsche Welle. **A dura realidade de ser professor no Brasil.** Disponível em:

<http://www.dw.com/pt-br/a-dura-realidade-de-ser-professor-no-brasil/a-17367679> Acesso em 09 jul. 2017.

FERNANDES, Daniela. BBC. Edição eletrônica (15.09.2016). **Professor primário no Brasil ganha pouco, mas universitário tem 'salário de país nórdico', diz OCDE.** Disponível em

<<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37358270>> Acesso em 09 jul. 2017.

G1. **Violência deixa quase 4 mil alunos sem aula em escolas do Rio nesta quinta.**

(27.05.2017). Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/violencia-deixa-quase-4-mil-alunos-sem-aula-em-escolas-do-rio-nesta-quinta.ghtml>>. Acesso em 08 jul. 2017.

HOUAISS, Dicionário. **Difícil.** Disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#0> Acesso em 08 jul. 2017.

HOUAISS, Dicionário. **Professor.** Disponível em

<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#0> Acesso em 08 jul. 2017.

KFOURI, Samira. A comunicação midiaticizada na EAD: um discurso pedagógico diferenciado. Disponível em

<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/4282008115655AM.pdf> > Acesso em 09 jul. 2017.

NOVAESCOLA. **Por que, no campo, os alunos estudam tão longe de casa?** Disponível em < <https://novaescola.org.br/conteudo/2851/por-que-no-campo-os-alunos-estudam-tao-longe-de-casa>>. Acesso em 08 jul. 2017.

REBOLHO, Ana Claudia Figueiredo. **Prostituição infantil e juvenil, do sexo feminino, no Brasil: a escola como agente de mudança de comportamento.** Revista Espaço Acadêmico, no. 194, julho/2017. Disponível em

:<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9525/5781>>
Acesso em 09 jul. 2017.

RODRIGUES, Fania. Rio: Professores da UERJ estão com salários atrasados desde março.
In: Brasildefato, 22.05.2017. Disponível em <
<https://www.brasildefato.com.br/2017/05/22/rio-professores-da-uerj-estao-com-salarios-atrasados-desde-marco/>> Acesso em 09 jul. 2017.

VIANA, Virgílio. **Educação ribeirinha na Amazônia: o desafio de manter os professores na sala de aula.** Disponível em <<http://www.apadrinheamazonas.org.br/2013/03/educacao-ribeirinha-na-amazonia-o-desafio-de-manter-os-professores-na-sala-de-aula/>>. Acesso em 08 jul. 2017.

WIKIPEDIA. **Brasil.** Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil> >. Acesso em 08 jul. 2017.